

**A HERANÇA DO ROMANCE-FOLHETIM NO *CHICK-LIT*:  
UMA ANÁLISE DE *PROCURA-SE UM MARIDO*, DE CARINA RISSI**

Karine Ribeiro Campos Pinheiro (UVA)

[karine.krcp@gmail.com](mailto:karine.krcp@gmail.com)

Anne Caroline de Moraes Santos (UVA/FACHA)

[annemorais17@hotmail.com](mailto:annemorais17@hotmail.com)

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar as marcas do romance-folhetim na obra brasileira *Procura-se um marido* (2013), de Carina Rissi, e verificar de que maneira as marcas da literatura folhetinesca vivem no novo gênero *Chick-Lit*, surgido no final do século XX. A intenção dessa pesquisa é identificar marcas de um gênero literário em outro gênero e reconhecer a sua transformação e sua adaptação aos novos tempos. É uma pesquisa bibliográfica, com base nas teorias de Halime Musser Prado Henrique (2010), Jesús Martín-Barbero (2013), Marlyse Meyer (2005), Yves Reuter (2002), Muniz Sodré (1988) e Ian Watt (2010), a fim de compreender o surgimento da literatura folhetinesca no século XIX, quais são as características relevantes que garantiram o sucesso entre o público-leitor e como essas características permaneceram na construção dos romances *Chick-Lit* no século XXI.

**Palavras-chave:**

*Chick-Lit*. Literatura brasileira. Romance-folhetim.

**1. Introdução**

A ascensão do romance na história da literatura ocorreu a partir do século XVIII, num período de crescimento e estabilização da burguesia na Europa, resultado da Revolução Industrial. Além de essa revolução substituir o trabalho artesanal pelo uso de máquinas a vapor, ela inicia, também, grandes produções intelectuais e artísticas, popularizando, assim, o gênero romântico na sociedade europeia.

Durante esse período, precisamente na França em 1836, são publicados no periódico do jornalista Émile Girardin obras de ficção divididas em capítulos. Devida à linguagem simples e coloquial, aos personagens estereotipados, ao uso do melodrama e do suspense, logo se tornam sucesso entre a classe operária e a burguesia. Singularmente, as histórias de ficção atraíram as mulheres, pois, ao explorarem os curtos romances diários nos jornais, o público feminino e as donas de casa em busca de um passatempo se tornaram leitoras fiéis, tanto na França quanto no Brasil.

Esses romances diários são conhecidos como romance-folhetim. Esse modelo literário transforma-se numa atividade popular, em entretenimen-

to, voltado para o consumo em massa. Portanto, a preocupação em oferecer ao leitor um texto mais leve e fluido era evidente.

No século XX, essa atividade de entretenimento surge com o gênero *Chick-Lit*, nos anos 90, com a personagem pioneira Bridget Jones, da obra *O diário de Bridget Jones* (1996), de Helen Fielding. O *Chick-Lit* tem como cenário o universo pós-moderno, em que mulheres independentes e ousadas enfrentam os mais diversos dilemas no trabalho, na família e na vida amorosa, em que reviravoltas acontecem sem abrir mão do bom humor e da diversão.

Mediante as particularidades do gênero *Chick-Lit*, observa-se, entretanto, características similares ao romance-folhetim do século XIX. As duas formas de literatura alcançam o público feminino, abordam o papel social da mulher dentro de sua época e revelam que forma ela lida com as diversas áreas da vida. Além disso, o suspense, a leitura fácil, a conversa com o leitor, as reviravoltas ocasionadas por personagens que se camuflam, o *happy end* também são marcas que os aproximam. A intenção desse artigo foi identificar como marcas de um gênero literário continuam vivas em outro gênero, transformando-se e adaptando-se aos novos tempos.

Diante dessa observação, pretendeu-se analisar as marcas do romance-folhetim na construção da obra *Procura-se um Marido* (2013), da autora Carina Rissi, um romance brasileiro, o qual tem feito sucesso entre as jovens leitoras hoje.

### ***1. Romance-folhetim: das páginas de rodapé ao surgimento de um novo gênero***

No século XVIII, houve um crescente e notável interesse pela leitura na sociedade europeia. Grande parte da população era analfabeta ou semi-analfabeta, pois o ensino era precário. Contudo, com o advento das indústrias, a classe burguesa cresceu e estabilizou-se, e, por conseguinte, teve acesso à literatura. Observou-se, portanto, entre o século XVI ao fim do século XVIII, um desenvolvimento nas produções artísticas e filosóficas, influenciadas pela Renascença. Apesar disso, apenas as pessoas de classe alta podiam comprar as obras, fator econômico que retardou a expansão do público-leitor: a renda familiar dos agricultores, comerciantes e artesãos era em média de 38 libras, o que não lhes permitiam comprar livros. Livros que tinham um alto custo. (WATT, 2010, p. 45)

Em Paris, no ano de 1836, o jornalista Émile Girardin se interessou

em democratizar seu jornal, em razão da consolidação burguesa, *La Presse*, não mais privilegiando apenas a classe alta. Com o objetivo de aumentar a vendagem e seu público-leitor, Émile Girardin inseriu fragmentos de textos ficcionais no espaço destinado ao entretenimento, o *feuilleton* ou rodapé, pois

havia já, desde o começo do século, o *feuilleton*, ou rodapé, tradicionalmente de tom e assuntos mais leves que o resto do jornal muito cerceado pela censura. Podia ser dramático, crítico, tomando-se cada vez mais recreativo. O folhetim vai ser completado com a rubrica “variedade”, que é a cunha por onde penetra a ficção, na forma de contos e novelas curtas. (MEYER, 2005, p. 30)

O sucesso das publicações tornou o romance-folhetim uma literatura de mercado, de massa, voltado, estritamente, para o consumo e divertimento do leitor. Sendo ele um retrato idealizado do cotidiano, é uma das manifestações da cultura de massa que emerge do seio do capitalismo na Europa industrializada, já no século XIX (SERRA, 1997, p. 25). Por consequência da industrialização, a expansão da imprensa transformou a vida na cidade e no campo, no Segundo Império, porque “o jornal vai se inserir cada vez mais na vida cotidiana das populações menos disseminadas” (MEYER, 2005, p. 91).

O próprio caráter comercial e lucrativo do folhetim haveria também de beneficiar os autores folhetinescos, pois, segundo Marlyse Meyer (2005, p. 63) “o jornal é uma plataforma permanentemente abertas aos jovens que querem tentar carreira literária e experimentar o gênero moderno por excelência, o então romance”. Nota-se, portanto, que o romance-folhetim é essencialmente um novo conceito de ficção. Ademais, o próprio folhetim passa a designar um novo modo de publicação de romance, visto que “praticamente toda ficção em prosa de época passa a ser publicada em folhetim, para então depois, conforme o sucesso obtido, sair em volume” (MEYER, 2005, p. 63).

O folhetim conquistou as leitoras e as massas por apresentar uma estrutura própria, sendo dividido em capítulos cortados para criar suspense, o mágico chamariz “continua no próximo capítulo” para prender o leitor, “além de oferecer personagens mais simplificados (herói x vilão; mocinha pura em perigo; os homens do mal que tentam prejudicar o herói; o triunfo do bem)” (HENRIQUE, 2010, p. 20). A curiosidade obrigava os amantes do folhetim a comprarem o jornal no dia seguinte.

Outra característica marcante adotada pelo folhetim era o dramático, sobretudo o melodrama, gênero encontrado no teatro. Os enredos românticos eram baseados em experiência pessoais, a fim de que pudessem ser con-

siderados reais. Dessa forma, os personagens eram comuns e realizavam atividades cotidianas, mas havia uma particularidade que chamava atenção da história: a abordagem psicológica. Era possível saber o que os personagens pensavam, sentiam em diversas situações e conflitos, mostrando seus pensamentos e emoções. Dessa forma, o romance teria como objetivo relatar, autenticamente, as verdadeiras experiências, consideradas únicas, de cada indivíduo.

Ao saber as experiências da personagem romântica, pode-se entender também a sua origem geográfica e determinar o espaço no qual ele se situa. O tempo cronológico (data, mês, ano ou acontecimento histórico definido) e o espaço (geográfico) são fatores que, somados ao nome particular, ajudavam a traçar o perfil, a desenhar a imagem da personagem.

Mais que especificar o espaço, em que o autor descrevia paisagens, cidades e ruas e o tempo, o autor começou a detalhar também o interior dos ambientes, o local onde se passava a ação, características de cada região.

No que diz respeito à linguagem, os autores optaram, para melhor retratarem a realidade e, para o leitor entender e participar da história de forma mais concreta e particular, por “relatar as falas e os diálogos tal como eram ditos pelas pessoas comuns” (HENRIQUE, 2010, p. 24). Ao longo dos textos românticos, os autores recorreram ao uso de palavras e de expressões repetidas, parênteses explicativos, verbos no lugar de adjetivos rebuscados.

Quanto ao tema, histórias de amor regadas a lágrimas e sangue, amores contrariados, adultérios, filhos ilegítimos, intrigas, disfarces, traição, casamentos por conveniência ou imposição e a morte como castigo ou solução (NADAF, 2009, p. 124-125).

Apoiados ao melodrama e ao uso de sentimentos exagerados, os enredos românticos despertavam emoções nos leitores, uma vez que, exploravam sofrimento humano, em situações dramáticas e apaixonantes, desde as reviravoltas até o desfecho. Prendiam os leitores por essa caracterização maniqueísta (admiração pelo herói, medo e revolta pelo vilão e piedade pela mocinha), oferecendo a um público diversificado – os apreciadores do trágico, do cômico ou do patético – uma rápida satisfação, comoção e entretenimento (GARCIA; FERREIRA, 2014, p. 126).

Conhecidos romances do século XIX, como *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, e *A Viúvinha* (1860), de Alencar, tiveram grande sucesso quando foram publicados exatamente por estarem repletos dessas marcas folhetinescas. *A Moreninha*, inclusive, foi um sucesso de vendas, mesmo considerando a grande quantidade de analfabetos no Brasil

na época. O sucesso era tanto que Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto são grandes nomes da literatura brasileira que escreveram alguns de seus romances primeiramente no formato folhetim para depois publicá-los em edições completas.

## 2. *Chick-Lit: a literatura da mulher moderna*

O sucesso das publicações no jornal tornou o romance-folhetim uma literatura de mercado (*mass media*), de massa, voltado, estritamente, para o consumo. Devido a este fim, editoras começaram a investir em ficções que agradassem o público leitor. Dessa forma, passaram a produzir os *best-sellers*, conhecidos pelo fenômeno de vendas, a partir do século XX. Halime Musser Prado Henrique (2010, p. 49) disserta sobre *best-seller*:

Uma das questões mais importantes, ao abordar os *best-sellers*, é discutir a questão do estilo. Ele foi um gênero de ficção que nasceu sob a influência do romance e também possui suas características próprias, mas que todas elas são baseadas diretamente nas diretrizes românticas.

Porque o folhetim era exigido pelas indústrias e imprensas, regidos também por marketing de audiência. Esse controle técnico de público-alvo e audiência foi “resultado da industrialização mercantil e efeito da ação capitalista sobre a cultura” (SODRÉ, 1988, p. 70). O texto folhetinesco ganha seu aval para, por fim, tornar-se um *best-seller*, a partir de dois fatores mercadológicos: o investidor (capital) e o leitor. (*Idem, ibidem*)

Um produto dirigido às massas prezava por uma leitura próxima ao público-leitor, prezava por uma linguagem que o envolvesse de forma que ele quisesse contribuir intelectual e emocionalmente com a história (TAVELA, 2010, p. 6-7). Ao asseverar a relação próxima de obra e leitor, o *best-seller* seguia o padrão do folhetim: para facilitar a compreensão da leitura, os autores escrevem o que o público quer ler.

No contexto de *best-seller*, de literatura de entretenimento, surge, na década de 90, o *Chick-Lit*, gênero vulgarmente conhecido como literatura de mulherzinha. O gênero aborda questões da mulher moderna, em histórias leves e bem-humoradas, e retrata personagens independentes, audaciosas e cultas. Escrita por mulheres, sobre mulheres para mulheres, o *Chick-Lit* reúne características com o objetivo de se tornar atrativo para o seu público: linguagem coloquial e prazerosa, narrativas em primeira pessoa, enredo ágil e engraçado, elementos presentes no cotidiano – como email, diários, mensagens de celular. Além de apresentarem capas charmosas e coloridas e personagens com características físicas e psicológicas semelhantes ao seu pú-

blico leitor (DIOGO, 2014, p. 9), como resume Barbara Luisa Martins Wieler (2015):

Apesar de haver uma pitada de drama nas histórias, com assuntos ditos delicados ou problemáticos (como alcoolismo, depressão e violência doméstica), ela é suavizada, por ser tratada com humor. Esse elemento, aliás, é o grande chamariz da chick-lit: há leveza e graça, mesmo nos momentos mais periclitantes e tristes. As protagonistas confessam sofrer, mas contam suas desventuras de forma jocosa e engraçada, rindo de si mesmas. (WIELER, 2015, p. 33)

Por essa peculiaridade, o *Chick-Lit* possui um número considerável de leitoras, visto que, de certa forma, seus enredos as fascinam. Barbara Luisa Martins Wieler (2013) certifica que:

Apesar do trabalho de sedução engendrado para cooptar leitoras-consumidoras, há, sobretudo, uma busca pela identificação e diálogo com questões modernas. Ler um exemplar do chick-lit é, de certa maneira, entrar em contato com o universo feminino contemporâneo, desbravá-lo e até rir ou se emocionar com ele. (WIELER, 2013, p. 67)

Para além do recurso de aproximação à leitora, a temática e elementos do seu dia a dia, os enredos de *Chick-Lit* são unânimes em suas obras, independentes de suas autoras. São ágeis, de fácil compreensão, bem-humorados e lineares na estrutura de conflito, clímax e desfecho, como define Barbara Luisa Martins Wieler (2013, p. 65):

E isso é possível notar na fórmula muito similar empregada pelos enredos da chick lit, nos quais a mulher inicia a história com algum problema praticamente indissolúvel, encontra várias vicissitudes para resolvê-lo e, ao final, é brindada não só com o contorno da situação, como também com um amor verdadeiro. (WIELER, 2013, p. 65)

O *happy ending* está presente nos enredos de *Chick-Lit*. Todos os conflitos e problemas da personagem são resolvidos, com sucesso e felicidade, ao final da história – seja com casamento, com reconciliação ou com os mistérios desvendados, igualmente em um conto de fadas.

Segundo Júlia Esteves Fernandes Diogo (2014, p. 61), a produção de *Chick-Lit* no Brasil ainda está no início, pois há mais traduções vindas da América do Norte e Europa do que há produções próprias de autoras brasileiras. Porém, com o crescimento do segmento juvenil, autoras *best-sellers*, como Thalita Rebouças, Paula Pimenta, Bruna Vieira, Leila Rego, Patrícia Barboza e Carina Rissi, surgem para representar o *Chick-Lit* no Brasil.

Por ser uma literatura de entretenimento, o valor do *Chick-Lit* está na fugacidade que ela oferece às mulheres; no escapismo presente nos *best-sellers*, porque o público vive em função das cobranças da sociedade capitalista, por isso, procuram nos livros uma válvula de escape; na fantasia, em

que tudo pode acontecer. Trata-se, portanto, de uma “literatura que traz um divertimento passageiro, de comunicação instantânea, fácil e agradável, criada para leitoras consumistas e passivas” (CAMPELLO, 2013, p. 237).

Para Anne Caroline de Moraes Santos (2016, p. 92), o romance e o *Chick-Lit* é resultado da conquista visível das mulheres no meio literário, ainda que elas estejam restritas aos romances românticos. As mulheres têm se apropriado do discurso literário para questionar valores e mostrar trajetórias femininas diante de desafios e dilemas vividos na contemporaneidade.

### **3. Recursos folhetinescos em *Procura-se um marido***

*Procura-se um marido* narra a história de Alicia Moraes de Bragança e Lima, uma jovem rica de 24 anos. Típica moça da grande cidade que frequenta baladas, inconsequente, mimada e que se aventura pelo mundo afora. Sua vida, no entanto, desmorona com a morte de seu avô Narciso e com a abertura do testamento: o avô a excluiu da herança, alegando que a neta não tinha maturidade suficiente para assumir seu império, a não ser que estivesse devidamente casada. Enquanto isso, estaria sob a tutela do amigo da família, Dr. Clóvis, que também seria o curador de todos os seus bens. Relutante a se casar, Alicia resolve burlar o testamento com um plano audacioso: coloca um anúncio no jornal em busca de um marido de aluguel. Porém, Alicia não fazia ideia de que um dos candidatos seria Maximus Cassani, seu colega de trabalho na L&L Cosméticos, um homem arrogante, orgulhoso e grosseiro a quem não suportava. A jovem não esperava que Cassani fosse capaz de fazer o coração dela bater mais rápido e que pudesse transformar sua vida de tal forma que ela jamais imaginou.

Este *Chick-Lit* possui elementos do cotidiano do público-leitor feminino – elementos que servirão de alimento aos sonhos da leitora ao ponto de se reconhecer na trama e de desejar vivê-la. É uma ficção que se aproxima da leitora à medida que entra em contato com o mundo em que ela está inserida. Tal aproximação está presente no folhetim, pois, segundo Jesús Martín-Barbero (2013, p. 188), o folhetim é uma escritura que junta o gênero literário e jornalístico, é “a ‘confusão’ das duas: atualidade com a ficção”. Jesús Martín-Barbero (2013, p. 184) confirma a aproximação do texto narrativo com o leitor: “A fusão de realidade e fantasia efetuada no folhetim escapa dele, confundindo a realidade dos leitores com as fantasias deste. As pessoas do povo têm a sensação de estar lendo a narrativa de suas próprias vidas”.

Essa aproximação com o leitor se dá por um dispositivo de *reconhe-*

*cimento*, pois produz a identificação do mundo narrado com o mundo do leitor popular e a identificação do leitor com os personagens (BARBERO, 2013, p. 189). Após ser despedada, a personagem principal, Alicia, começa a trabalhar na L&L Cosméticos, uma das empresas do Conglomerado Lima, como assistente de secretária. Sua vida vira de cabeça pra baixo, porque já não poderia viver com o luxo de antes. Com isso, o leitor se depara com a brusca adaptação que a personagem tem de lidar: enfrentar a precariedade do transporte público e a má educação do povo brasileiro e se depara com a personagem sentindo-se injustiçada e insatisfeita pelo salário baixo e pelos descontos para a contribuição à instituição nacional para garantir o seu trabalho e por devidos atrasos.

Jesús Martín-Barbero (2013, p. 189) cita o dispositivo de *sedução* usado no folhetim, em que cada episódio possuía elementos que instigavam ao leitor a vontade de continuar a leitura e abria margem a interrogações que cultivavam nele o desejo pelo próximo capítulo. Deste modo, não só o enredo em si, mas a linguagem utilizada era primordial para cativar o leitor durante o romance. A linguagem usada por Rissi é simples, humorada, ágil como o *Chick-Lit* requisita: deve expressar a doçura das narradoras, precisa ter humor para provocar riso e despertar emoções. Ela deve ser imagética e sinestésica, sem romper com as convenções estéticas e literárias do romance (WIELER, 2013, p. 183).

Por meio do dispositivo de *suspense*, recurso muito corriqueiro no folhetim, cada episódio continha suficiente informação para satisfazer o mínimo de interesse e de curiosidade do leitor, mas de modo que a informação fornecida levantasse, por sua vez, tamanha quantidade de interrogações a fim de aumentar o desejo de ler o próximo episódio (BARBERO, 2013, p. 187-188). Em uma cena, a autora cria um diálogo que intensifica o suspense com o uso de reticências, letras que se repetem, personagens carregados de medo, preocupação e ansiedade. Cresce a tensão à medida que se descreve a fisionomia das personagens: “seu rosto abatido demonstrava desespero” (RISSI, 2013, p. 18).

Uma característica peculiar que opera no folhetim: o recurso de dupla narrativa: “uma, progressiva, que nos conta o avanço da obra justiceira do herói, e outra, regressiva, que vai desconstruindo a história dos personagens que apareceram ao longo de toda a narrativa”. Pode-se observar a construção do personagem Maximus Cassani, o mocinho da trama, progredindo em suas ações como herói e regredindo como homem. No início, Maximus é apresentado sob o ponto de vista de Alicia, como um funcionário arrogante, grosseiro e mal-educado. No decorrer da história, todavia, é pos-



sível entender o seu jeito, a sua vida, por quais razões ele é assim.

Segunda característica do folhetim é o duplo movimento que a narrativa tem sob uma mesma direção, movimento que dinamiza o melodrama: “do momento que os maus desfrutam de sua boa vida e aparentam honestidade, enquanto os bons sofrem e passam por maus pedaços, até a inversão da situação, com a descoberta do seu reverso” (BARBERO, 2013, p. 190). Em toda a trama, Clóvis demonstrava preocupação ao sempre dizer a Alicia que só queria o melhor para ela. Pedia a Alicia que o permitisse cuidá-la por consideração e ordens de Narciso. Ao ser revelado o testamento falso, Clóvis revela quem realmente é: um homem ganancioso, que queria apenas usufruir da fortuna do seu amigo a fim de ter status e poder. Clóvis é um personagem que veste uma capa de virtude, pois, passa ao leitor uma impressão de bom-moço, que cuida de Alicia para que ela não sofra nas mãos de Maximus. Ele dizia que “Alicia foi o bem mais precioso do seu Narciso. Trate-a como ela merece ser tratada e não ouse magoar essa menina” (RIS-SI, 2013, p. 161). O personagem, inicialmente, era apenas uma encenação, um truque bem enredado que o revelava como inocente.

Terceira característica típica do folhetim é ter um terceiro personagem que observa tudo o que está acontecendo para que, no fim, ajude a vítima a recuperar sua identidade (SANTOS, 2015, p. 1806). Por muitas vezes, Alicia tem sonhos com seu avô, encontros em que ela desabafa, chora, reclama e escuta alguns conselhos. Apesar de morto, ele a observa e mostra que ainda está ao seu lado.

Um elemento que colabora para o efeito real no folhetim é o espaço – no caso do *Chick-Lit*, o espaço é urbano. Ele ajuda a construir a personalidade dos protagonistas. Candida Vilares Gancho (2002, p. 23) afirma que o espaço tem como função situar as ações dos personagens e estabelecer uma interação com eles, influenciando suas atitudes e pensamentos ou sofrendo inesperadas e incertas transformações realizadas pelos personagens. Ou seja, o espaço reforça o efeito do real, porque

contribui com a verossimilhança das narrativas não apenas por fazer referência a locais reais, mas por flutuar de acordo com a personalidade e as necessidades das personagens, deslocando-as para endereços plausíveis e fecundos para o desenrolar das tramas. (WIELER, 2015, p. 166)

No caso da trama, Alicia é uma jovem baladeira que se aventura pelo mundo e passa por confusões, o que salienta seu comportamento de irresponsável e despreocupada com a vida. Após a morte do seu único parente, sua conduta muda ao começar a trabalhar numa prestigiosa empresa, atribuindo-lhe seriedade e juízo. Além de o espaço influenciar a personagem, essa

situação pela qual Alicia passa é comum em obras *Chick-Lit*. A mudança da protagonista, antes egocêntrica e irresponsável, depois mais séria e ajuizada. Como se os obstáculos, as pedras no caminho – a decisão do avô no testamento – fosse o impulso que movimenta a personagem, a tira da sua zona de conforto e a lança em novas experiências rumo à mudança.

O romance, segundo Ian Watt (2010, p. 18-19), diferencia-se das outras formas de ficção anteriores pela atenção que concede à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu espaço e ambiente. A maneira pela qual o romancista apresenta uma personagem como um indivíduo particular e especial, concedendo-lhe um nome, exatamente como acontece com uma pessoa na vida real.

Mediante a tal fato, Barbara Luisa Martins Wieler (2015, p. 174) assevera que essa individualização é respeitada com seriedade pelo *Chick-Lit*, dado que elas não são quaisquer pessoas, mas possuem nomes específicos, elas têm suas próprias identidades definidas e bem comunicadas às leitoras: quem elas são, o que elas fazem e onde elas nasceram. A obra apresenta Alicia Moraes de Bragança e Lima, uma personalidade de mulher inteligente, sarcástica, mimada, corajosa, mas que demonstra medo e insegurança em certas situações. Uma heroína com defeitos e falhas que aprende a amadurecer em circunstâncias, a superar dificuldade, mas sem perder o humor.

Sob o mesmo pensamento, Yves Reuter (2011, p. 41) certifica que as personagens têm um papel na organização e estrutura das histórias, visto que são elas que “permitem as ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido”. Yves Reuter prova a teoria pelos títulos dos livros e dos filmes, a maneira de resumir as histórias por intermédio das personagens principais. O título da obra analisada é *Procura-se um Marido*, ou seja, a história gira em torno da saga de Alicia em encontrar um rapaz para se casar e, por fim, possuir o que lhe é devida, a sua herança.

O desfecho é unânime nos romances *Chick-Lit*: há a presença do *happy ending*, em que a solução do conflito inicial é encontrada e a protagonista é blindada ao lado do seu amor verdadeiro. É um desfecho aguardado pelas leitoras, que torcem pela protagonista terminar bem na aventura e o vilão ter o castigo que merece. Do mesmo modo acontecia com o folhetim, que solucionava os problemas de forma surpreendente e mágica para apaziguar o leitor e correspondê-lo da forma em que ele esperava.

#### 4. Considerações finais

Evidentemente, a narrativa folhetinesca possui características fortes e notáveis que se perpetuam e se adaptam ao longo do tempo. As temáticas presentes no romance-folhetim, tais como intrigas, aventura, paixões, emoções intensas, suspense são encontradas na obra *Chick-Lit*. Características marcantes do folhetim se sucederam na obra *Chick-Lit* na qualidade de romance com uma leitura fluida e leve; enredo dinâmico e cheio de conflitos e descobertas, que prendem o leitor até o desfecho; o uso do humor nos diálogos e personagens reais e individuais, que revelam o cenário e a sociedade pós-moderna.

Traços de personagens de heróis românticos, de postura angelical ou cavaleira, dotados de virtudes se transformaram em uma mulher mimada, irresponsável, cheia de defeitos e falhas, mas, com os obstáculos da vida, torna-se madura e ajuizada e ao mocinho arrogante, *workaholic* e bem-sucedido no trabalho. Mocinho que aparentemente é egoísta, porém luta pelo bem-estar da família.

Pode-se, portanto, identificar marcas do gênero folhetim que permaneceram no gênero *Chick-Lit*, como a linguagem coloquial; a construção de personagens estereotipados (o herói, a heroína e o vilão); o melodrama, em que as tensões vão aumentando progressivamente até a solução – desfecho e cenários que representam bem a própria sociedade capitalista.

Enquanto o folhetim introduzia elementos nacionais no enredo, a vida na corte e os costumes burgueses como cenário das tramas amorosas, o cenário da obra *Chick-Lit* é a grande cidade cosmopolita cercada pela modernidade e tecnologia – e-mails, SMS –, referência da era pós-moderna. Particularidades essas que aproximaram e prenderam o leitor com as narrativas folhetinescas no século XIX, e que no século XXI, atraem o público feminino, principalmente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPELLO, Eliane. *Cinquenta tons: It's a love story!*. Universidade Federal Santa Catarina, 2013, p.231-253. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p229/25243>. Acesso em: 22-05-2017.
- DIOGO, Júlia Esteves Fernandes. *Chick-Lit: a literatura da mulher moderna*. Monografia (graduação em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<<http://www.pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/537/1/JDiogo.pdf>>. Acesso em: 22-05-2017.

GANCHO, Candida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. Leitores de folhetim no século XIX no Brasil: Uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do Correio Paulistano. Universidade Federal de São Paulo: São Paulo. *Revista da Anpoll*, vo. 1, n. 36, p.105-131, 2014. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/721/736>>. Acesso em: 02-09-2017.

HENRIQUE, Halime Musser Prado. *Best-seller: a história de um gênero*. Rio de Janeiro: Usina das Letras, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2013.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NADAF, Yasmim Jamil. *O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico*. Universidade Federal de Santa Maria: Cuiabá, 2009. *Revista do programa pós-graduação em Letras*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12014/7428>>. Acesso em: 28 AGO 2017

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

RISSI, Carina. *Procura-se um marido*. 6. ed. São Paulo: Verus, 2013.

SANTOS, Anne Caroline de Moraes. *Elementos folhетinescos em A viúvina, de José de Alencar: a construção do romance brasileiro. Cadernos do CNLP*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/XVI\\_cnlf/tomo\\_2/160.pdf](http://www.filologia.org.br/XVI_cnlf/tomo_2/160.pdf)>. Acesso em 03-10-2017.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

TAVELA, Maria Cristina Weitzel. *Literatura de massa na formação do leitor literário*. Darandina. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Disponível em:<<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/16-Literatura-de->

[massa-na-forma%C3%A7%C3%A3o-do-leitor-liter%C3%A1rio.pdf](#)>.

Acesso em: 31-05-2017

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

WIELER, Barbara Luisa Martins. Elas x Elas: um estudo sobre a construção das mulheres em diferentes abordagens literárias. *Cadernos da Semana de Letras*. Universidade Federal do Paraná, 2013, p.63-74. Disponível em <<http://www.semanadeletras.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/05/Cadernos-da-Semana-de-Letras-2013-Trabalhos-completos.pdf#page=67>>. Acesso em: 20-05-2017.

\_\_\_\_\_. *Becky, Bridget e Claire, Cinderelas modernas: uma identidade feminina construída pela Chick-Lit*. Dissertação (mestrado em Literatura). Universidade Federal do Paraná, 2015. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/40917/r%20-%20d%20%20barbara%20luisa%20martins%20wieler.pdf?sequence=2&isAllowed=y>> Acesso em: 03-10-2017